

## LIMIARES ENTRE FICÇÃO E REAL EM SELVA TRÁGICA, DE HERNÂNI DONATO

Jérri Roberto Marin  
UFMS

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a construção do literário a partir da análise de *Selva Trágica: a gesta ervateira no suestematogrossense*, de Hernâni Donato. A produção ficcional de Donato caracteriza-se pela formulação fronteiriça, ou seja, pela interpenetração dos gêneros, deslocando os limites disciplinares e discursivos. O Autor excursiona pela Literatura e História e as intercruza, ao mesclar elementos ficcionais e não-ficcionais e ao privilegiar problemáticas sociais e contextos históricos.<sup>1</sup> Os limiares entre imaginação e realidade tornam-se indiscerníveis de forma intencional, configurando-se num projeto explícito do Autor.

*Selva Trágica* foi editada pela primeira vez em 1959 e apresenta simbolicamente a história de homens que trabalhavam para a empresa estrangeira Mate Laranjeira, no sul do Estado de Mato Grosso. Para Donato, a personagem principal do romance seria a erva, seguida pela terra, pelo tempo e sonhos, e, por fim, os homens e mulheres, em particular mineiros, *changa-ys*, marginais, pequenos funcionários, ou seja, aqueles que “suportaram mais rudemente” o drama dos ervais.<sup>2</sup> Enfim, o Autor enfoca a problemática social dos ervais privilegiando os subalternos.

A partir de uma representação regional, a obra de Donato explora uma temática universal: a exploração do homem pelo homem. A empresa Mate Laranjeira impunha um ritmo de trabalho que bestializava os trabalhadores e o aumento da produção implicava, na mesma proporção, conflitos e mortes. A ambição pelo lucro e poder gerava infortúnios para os trabalhadores dos ervais. As relações de trabalho pré-capitalistas e a superexploração dos trabalhadores teria consumido milhares de sonhos e vidas. Os ervais seriam um inferno e o paraíso encontrava-se no

---

<sup>1</sup> Sempre que a palavra *autor* se referir a Hernâni Donato, será escrita com letra maiúscula.

<sup>2</sup> *Changa-ys* era o ervateiro clandestino, que operava em concessão alheia.

outro lado do rio Paraguai ou apenas no imaginário dos ervateiros.<sup>3</sup> O léxico *selva* e o qualificativo *trágico* significam, respectivamente, lugar onde se luta duramente pela sobrevivência e acontecimento funesto, sinistro, que desperta lástima ou horror.<sup>4</sup> Seria um outro *locus*, ermo, onde o ser humano é colocado à prova. Em suma, a área controlada, sob regime de monopólio, pela empresa Mate Laranjeira foi representada como uma selva trágica, brutal, infernal, um pesadelo no qual todos viviam e do qual desejavam libertar-se. Até os funcionários da empresa habitavam um purgatório revestido de inferno, ao padecer de doenças, vícios, aborrecimentos ou de solidão.

A obra foi resumida pelos editores como um “escândalo sadio e másculo”. Mais do que isso, um “um inferno revestido de paraíso”. Para eles, o Autor apresentava o “passado recente” do Brasil que teria sido “uma vergonha que abalou a nação” tornando *Selva Trágica* um “repositório de novidades”, ou seja, este revelaria ao leitor um Brasil que desconhecia a si próprio. O objetivo da obra seria o de dar visibilidade a fatos desconhecidos pelo grande público, não abordados pela história oficial. Donato manifesta a preocupação em resgatar o passado recente do país, com o fim de evitar seu esquecimento pelas novas gerações. Ao rememorar esse passado, o Autor procura criar uma relação simultânea e produtiva entre si e o leitor. A valorização da experiência brasileira revelaria o Brasil aos brasileiros, o que teria sido no passado, as permanências no presente e o que o Brasil desejava ser e, talvez, nunca conseguiria.

Donato elege aspectos sombrios e díspares e respalda sua argumentação garimpando verdades, que procura autenticar, para valorizar a tragicidade nos domínios da empresa Mate

---

<sup>3</sup> O paraíso, mais imaginário do que real, dos ervateiros era o *Capilha Salsa*, paraíso afortunado onde os mineiros realizariam todos os seus desejos materiais e afetivos. DONATO, Hernâni. *Selva Trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959. p. 217-218.

<sup>4</sup> HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1564, 1697.

Laranjeira. No prefácio da obra, afirma que não pretendia polemizar, nem “condenar nem desculpar”, pois seu compromisso era unicamente com a tarefa literária. Por outro lado, afirma que a “história” que vai relatar foi escrita com “tranquilidade”, e, parafraseando São Bernardo, acredita que “mais vale escandalizar do que sonegar a verdade”.<sup>5</sup> Para os editores, o “mundo” dos ervaais teria sido representado de forma verossímil, pela linguagem “vigorosa, brutal, como a própria verdade”.

*Selva Trágica* seria uma obra de denúncia e de crítica, diante do silêncio da história oficial, por abordar uma temática considerada polêmica. Donato afirma que não se propõe a atacar ou defender a Empresa Mate Laranjeira e o governo brasileiro. Porém, ao perceber as relações entre o local e o nacional, retratou a originalidade da fronteira oeste ao representá-la como uma região dominada pela barbárie e pelo atraso, com leis impostas pela empresa Mate Laranjeira e um país com fronteiras imprecisas, soberania nacional frágil, caracterizada pela ausência de brasilidade e com população díspar, múltipla e, em sua maioria, composta por estrangeiros. A natureza, ao contrário, era paradisíaca e luxuriosa. A imensidão territorial, a perder de vista e intocada, projetava a idéia de domínio absoluto da natureza e de distanciamento do progresso e da civilização. A natureza exercia uma força extraordinária sobre o homem, sobrepondo-se.

A construção de *Selva Trágica* e *Chão Bruto* foi resultado de inúmeras viagens realizadas por Donato ao sul do Estado de Mato Grosso com o fim de pesquisar o Caminho de Peabiru, estrada que teria sido encontrada pelos portugueses à época da conquista e que interligava o Oceano Atlântico ao Pacífico. Para os editores, o objetivo do Autor, ao pervagar por aquele “território de pesadelo”, seria o de exumar o passado e apresentá-lo aos leitores como um

---

<sup>5</sup> DONATO, Hernâni. Op. cit., p. 7.

“espelho”. Os “segredos” ocultos foram desvelados a ele por moradores da região, ex-ervateiros e por mineiros fugitivos.<sup>6</sup> Donato faz uma menção especial ao “Enio ‘Gato Preto’ Martins, ao Galdino Agostini, ao Carlos Freire que, entre muitos,” teriam revelado os “segredos” e a história do “mundo” do mate.<sup>7</sup> No prefácio da obra, foram transcritos fragmentos do romance de Antônio Bacilla *O Drama do Mate*, da carta de Hernadarias ao rei da Espanha e de dois depoimentos orais de trabalhadores dos ervais coletados pelo próprio Autor. O depoimento de Rafael Barret apresenta dados estatísticos sobre o alto índice de mortalidade dos trabalhadores na região ervateira, fator que gerou uma depopulação na fronteira do Brasil com o Paraguai. De 330 homens que teriam sido levados do povoado de *Villarica*, no Paraguai, para trabalhar nos ervais de Tormenta, no Brasil, teriam retornado apenas 20 homens.<sup>8</sup>

Donato recria e reinventa a história dos ervais no fazer poético a partir do que viu, ouviu e registrou, ou seja, de relatos de fatos que não presenciou, das vivências de homens e mulheres que conheceu, de leituras e pesquisas que realizou, da bagagem cultural que adquiriu nas viagens pelas terras mato-grossenses e da sua experiência como proprietário de um erval.<sup>9</sup> Ele preocupa-se com a pesquisa em arquivos, com a investigação historiográfica e utiliza uma multiplicidade de fontes (orais, sonoras, visuais e escritas). Assim, a pesquisa bibliográfica e a utilização de fontes diversas soma-se à sua sensibilidade em sorver a cultura local, ao testemunho do Autor, seu conhecimento sociológico e às experiências pessoais. Esses aspectos mesclam-se e complementam-se na criação do processo artístico.

---

<sup>6</sup> Mineiro é o trabalhador da erva, aquele que lida com a mina.

<sup>7</sup> DONATO, Hernâni. Op. cit., p. 7-10.

<sup>8</sup> Ibid., p. 10.

<sup>9</sup> O erval de sua propriedade localizava-se próximo ao rio Paraná. Os pais de sua esposa também eram proprietários de ervais no Paraná.

Na construção do literário, a estética realista soma-se a uma série de mecanismos discursivos com o fim de conferir verossimilhança ao enredo e à obra. O referencial histórico-social, extraliterário, da obra é o auge da atividade extrativa nos ervais mato-grossenses. O conteúdo do romance é datado, passa-se desde o início do século XX até a década de 1930, quando Getúlio Vargas teria extirpado o monopólio da empresa Mate Laranjeira e nacionalizado a fronteira oeste. Esse contexto histórico regional e nacional condiciona a trama, conferindo historicidade às ações e tensões entre as personagens, grupos e classes.

A trama centraliza-se em torno das tensões motivadas pela superexploração da mão-de-obra, resultado de uma ordem desigual, aspecto que gera conflitos entre os trabalhadores e seus opressores diretos. Muitas personagens não aceitam seu destino, questionam as relações de poder e de hierarquias e as transgridem. Quando optam pela fuga dos ervais, apenas uma minoria consegue libertar-se e os capturados são mortos. Suas atitudes tornam-se heróicas, mesmo quando derrotados. Os conflitos sociais somam-se a outros individuais e coletivos. A obra retrata, por exemplo, desencontros amorosos gerados por entraves sociais.

A multidiscursividade da obra orienta-se em torno do signo-tema extração da erva mate. Discursos de diferentes e múltiplas vozes sociais das personagens e do narrador simbolizam a posição do poder e dos subalternos, revelando cada qual um discurso lógico sobre seu mundo. Esses discursos, por representarem lugares e pontos de vista diferentes, geram tensões e lutas entre os agentes sociais. O plurilingüismo permite ao escritor organizar e representar sua verdade, dissimulando-a nos discursos das personagens e do narrador.

Em *Selva Trágica*, as paisagens referenciam-se nas reais e somam-se a outros espaços simbólicos e inventados. Donato preocupa-se em identificar e tornar reconhecíveis aos leitores o espaço geográfico (rios, caminhos, cidades), a flora e fauna, as características climáticas, o diferencial de tempo, a cultura local, os processos de extração e manufatura da erva, os utensílios

de trabalho, o cotidiano de um erval, as relações de poder, a religiosidade, as relações entre os gêneros, a política estadual e nacional, entre outros.

Mereceu atenção do Autor a recuperação do multilingüismo e dos vocábulos, em particular da língua guarani. O romance foi acrescido, ao final, de um glossário dos termos em guarani utilizados na obra e autenticados por Donato. A recuperação das falas dos anônimos dos ervais tinha como pressuposto que a língua portuguesa falada pelo povo, embora se afastasse do vernáculo, era a correta e verdadeira, pois se traduzia num reduto original da brasilidade.<sup>10</sup> Por outro lado, essa linguagem revela marginalidades e desníveis presentes na sociedade. Um dos aspectos característicos do estilo narrativo de Donato é a tentativa de transcrição da linguagem oral da população mato-grossense nas falas das personagens. Esse aspecto acentua o regionalismo e confere coerência e autenticidade à história narrada. O multilingüismo predominante confirmava, para o Autor, a desnacionalização e o distanciamento cultural das terras mato-grossenses em relação às demais regiões brasileiras.

O Autor, ao citar os intertextos que utilizou no processo criativo recorre a um reforço de autoridade que confere consistência e legitimidade à narrativa, ao fazer crer que seu registro ficcional da realidade era verossímil, plausível, objetivo e apreendia o objeto na sua essência e concretude. Procura, desta forma, referenciar sua narrativa ficcional no discurso científico, distanciando-o da subjetividade. Ao pretender excluir a dimensão subjetiva, garante à narrativa um estatuto de veracidade e uma dimensão ética, ao narrar o acontecido. A acurácia da narrativa fundamentava-se nas múltiplas fontes e no testemunho pessoal do Autor. Porém, ao indistinguir fato, ficção e verdade, cria intencionalmente incertezas entre o que é real e invenção na narrativa.

---

<sup>10</sup> DONATO, Hernâni. Op. cit., p. 7.

*Selva Trágica* é um romance histórico. O gênero duplo e ambíguo da obra torna fluidos e elásticos os limiares entre história e literatura. As fronteiras entre os dois discursos são construídas por convenções sociais e históricas com o fim de diferenciá-los, de criar identidades próprias aos gêneros e de legitimá-los. Donato desejava que sua obra ficcional fosse lida e valorizada não como ficção, mas como uma versão “verdadeira” e definitiva do processo histórico. Há uma transposição das fronteiras ao dificultar a distinção entre fato e ficção, apagando as diferenças entre um e o outro. Enfim, o Autor procura construir com o leitor uma indistinção e ambigüidade entre os campos narrativos da história e da literatura.

Essa estratégia narrativa confere coerência ao título e ao texto, ou seja, de que a selva de que trataria o livro era de fato trágica. A organização e cruzamento das fontes eleitas pelo Autor aproximam a narrativa ficcional da construção da “verdadeira” história do mundo da erva mate. Essas fontes e seu discurso testemunhal procuram criar uma “ilusão de real”, ao fazer crer ao leitor que a obra estaria assentada mais no real e menos no ficcional, de forma a apresentar-se ao receptor como plausível e convincente.

Para Donato, a ficção, ultrapassando a imaginação e o inventado, revela o acontecido, a verdade na história, como um espelho que reflete o real. O olhar do leitor é conduzido para o contexto histórico-social de Mato Grosso e levado a buscar a verossimilhança no fingido e inventado. O leitor é cativado a crer, por meio de “garantias do real” e de estratégias que comprovam a veracidade da narrativa ficcional, que o romance baseia-se em fatos verídicos e personagens reais e identificáveis, assim como no contexto histórico, político e cultural da época. As descrições pormenorizadas criam “efeitos de real”, ao permitir ao leitor imaginar aquilo que se narra, como se o passado estivesse presente. O Autor constrói a expectativa, a partir dos recursos acima mencionados, de que a obra apresentaria ao leitor a realidade pura, apreendida por um observador distante e que seria uma versão única e definitiva do passado. O tema seria

exposto de forma realista, refletindo, como um espelho, o real. Sabe-se que a construção da realidade é feita não sobre o real, mas sobre as representações deste real com as quais o Autor entrou em contato enquanto leitor.<sup>11</sup> Cria-se, portanto, uma imagem do Autor refletida no espelho, a partir de como percebe o outro e como reconstitui a realidade histórica.

Donato concebe a história a partir de uma concepção linear, cumulativa, que reconstrói a realidade de forma objetiva e despreza os componentes imaginários e ficcionais na construção da escrita. A verdade seria apreendida por meio da neutralidade do olhar do observador e pelas provas documentais que lhe parecem mais autênticas. Por outro lado, afasta-se de uma concepção tradicional de história ao cercar-se de uma multiplicidade de fontes e de temporalidades. Na obra, episódios diferentes são recortados em blocos, embora estejam interligados e ocorram simultaneamente.

Donato transfere para os documentos e para o próprio texto ficcional todo processo de conhecimento, como se este estivesse pronto e acabado e nele residisse a verdade. Esta argumentação dissimula a sua intervenção ativa na escolha, interpretação das fontes e na construção do texto. Para compor a narrativa ficcional, o Autor selecionou, recortou, colou e fez escolhas. Os documentos são construídos pelo olhar do pesquisador, tornando-os monumentos. O olhar de Donato dirige-se para a recuperação da história dos excluídos e anônimos, tirando-os do silêncio e dando-lhes uma importância política.

A narrativa ficcional pode almejar a veracidade dos fatos acontecidos e recorrer às fontes e arquivos, traços do passado que chegam até o presente, para compor suas narrativas. A narrativa histórica é o resultado de uma seleção e organização deliberada de estratégias narrativas, a partir de uma multiplicidade desordenada de fatos. O real é construído pelo autor,

---

<sup>11</sup> CARVALHAL, Tania Franco. *O futuro das letras na literatura comparada: as zonas limiares*. In: COSSON, R.

por meio da reconfiguração do tempo, ao mediatizar o passado para o público do presente. Os historiadores reconhecem a intervenção subjetiva e ficcional de suas hipóteses e juízos na composição da narrativa do texto histórico, embora desejem aproximar-se o mais possível daquilo que se passou. A interpretação controlável do historiador apóia-se em problemas, conceitos e fontes. Donato, por exemplo, busca, como os historiadores, provar seus argumentos por meio de provas de consistência e de estratégias na construção do texto que reforcem sua autoridade. Porém, a verdade absoluta é fictícia e as interpretações são sempre parciais e construídas.

Em *Selva Trágica*, o mundo do mate foi recriado a partir de descrições minuciosas admitindo, pelo seu valor histórico e literário, uma diversidade infindável de olhares. Muitas informações estariam perdidas caso não tivessem sido registradas por Donato. *Selva Trágica* denuncia e documenta, pela linguagem, a história dos ervais. Portanto, tem um valor documental e torna-se uma fonte privilegiada para os historiadores. Reescrever o passado, refletir sobre o vivido não está restrito à história, mas estende-se à literatura. Donato resgata fatos e sensibilidades, ou seja, emoções, sociabilidades, valores, comportamentos, atitudes, a presença do sagrado e do profano no cotidiano, crenças, papéis sociais, códigos de valores, vestuário, moradias, relações de trabalho e de poder, representações de mundo e de gêneros, entre outros. Como representação social, a narrativa ficcional possibilita ampliar a percepção das lutas de representação existentes na sociedade.<sup>12</sup> Outros textos literários poderiam contrariar as “verdades” investigadas pelos historiadores e, mesmo assim, possuir valor como forma de conhecimento. Uma obra literária é fonte de si mesma ao revelar o presente da sua escrita, embora a temporalidade retratada no texto não corresponda ao da escritura. A literatura fala

---

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 17. (org.). *O presente e o futuro das letras*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPel, 2000. p. 16.

sempre de seu tempo, aspecto que permite refletir sobre a data em que foi escrita. Por outro lado, o real pode ser encontrado no imaginário de uma determinada época, pois inexiste uma dicotomia entre ambos.

Nas obras literárias, valor estético e forma de conhecimento reúnem-se, tornando os limiares entre história e literatura móveis e fluidos. A história também integra elementos ficcionais e documentais, tornando-se, num enredo costurado pelo narrador. Os textos literários, por sua vez, podem cercam-se de estratégias documentais de veracidade. Enfim, com a pós-modernidade, o limiar entre a realidade e ficção foi esgarçado e nega-se a possibilidade de se conhecer o real. O que une a história e a literatura é o reconhecimento de que inexiste um ponto de vista único e definitivo, pleno de certezas, assim como é impossível tecer uma narrativa totalizante. O real não é apreensível e, portanto, sempre será reescrito, reelaborado e ressignificado. Sua apropriação jamais esgotará o vivido histórico, exigindo constantes reescrituras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRITA, Nilza Lemos de Almeida. *Chão Bruto: tensão, ritmo e imagem*. Três Lagoas, 135p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro Universitário de Três Lagoas, 2000.
- CARVALHAL, Tania Franco. *O futuro das letras na literatura comparada: as zonas limiares*. In: COSSON, R. (Org.). *O presente e o futuro das letras*. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPel, 2000. p. 15-25.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DONATO, Hernâni. *Selva Trágica: a gesta ervateira no suestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.